

NA RODA DA VIDA...

*“Ciranda por ti / Ciranda por mim /
/Roda na ciranda que é pro não virar pro sim/”
(Maria Rita)*

A Revista Estudos da Condição Humana do Programa de Pós-graduação em Estudos da Condição Humana (PPGECH), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), campus de Sorocaba, tem o prazer de trazer a público mais um volume da RECHU, composto por valiosas contribuições.

Sendo uma revista online de cariz interdisciplinar, de acesso aberto e gratuito, a RECHU recebe textos inéditos que analisam a pluralidade da construção e reconstrução da categoria do humano, as condições humanas e suas especificidades históricas, subjetivas, sociais, políticas, econômicas, éticas e linguísticas nas suas interfaces com a tecnologia, natureza e cultura e no desenvolvimento das abordagens teóricas e práticas sobre os modos nos quais o ser humano pode viver e se realizar.

Entretanto, e ainda mal saímos de uma pandemia de COVID-19, o primeiro semestre de 2024 tem sido vivido em condições de calamidade pública: surto de dengue¹; as enchentes que assolaram o estado do Rio Grande do Sul, entre o final de abril e início de maio; as queimadas no *Pantanal*, sendo o estado do Mato Grosso do Sul o mais atingido em área queimada. Dados recentes do MapBiomas demonstram que o primeiro semestre de 2024 houve 4,48 milhões de hectares atingidos pelo fogo, sendo que o bioma da Amazônia permanece com a maior área de queimadas, com 2,97 milhões de hectares². E no cenário político global vemos as ameaças contra a democracia testarem terrenos onde se instalar novamente o fascismo. Impossível a indiferença. E nos indagamos, como prosseguir?

Havíamos de encontrar algum refúgio, desses que em tempos de tormentas encontramos na poética da resistência. Refúgio nada fácil já que os inconvenientes, os contratemplos, as urgências que insistem em nos colocar em estados de suspensão, ou de revelações, por vezes, nada agradáveis, ocorrem e constatamos que, tal como nas palavras de Suely Rolnik, “... vivemos sempre em defasagem em relação à atualidade

¹ Cf. dados do Painel de Arboviroses do Ministério da Saúde, o país tem mais de 5 milhões de casos prováveis.

² Cf. <https://brasil.mapbiomas.org/2024/07/12/brasil-teve-448-milhoes-de-hectares-queimados-entre-janeiro-e-junho-deste-ano/>. Acesso em: 13 de jul. de 2024.

de nossas experiências”, e seguimos tentando encontrar algum equilíbrio nisso tudo (1986, p. 12)³.

No nosso cenário nacional (e global), importante mencionarmos que neste semestre também vimos em relevo as questões que nos assolam a vida laboral quando as ameaças que o avanço da Inteligência Artificial tem provocado no imaginário das pessoas, bem como, nas condições de trabalho que, cada vez mais, se veem precarizadas; porém, em alguns casos, sem a consciência de tal precarização. Ecoando ainda as palavras de Suely Rolnik, “... somos íntimos(as) dessa incessante desmontagem de territórios, montagem, se possível, tão veloz e eficiente quanto o ritmo com que o mercado desfaz situações e faz outras” (p. 12). Então nos questionamos: quando foi que deixamos de rir do que é risível e desconfiamos? Em que momento deixamos de acreditar que a matéria de nossas memórias perdeu valor ou importância nesta vida?

Então, talvez seja oportuno nos imaginarmos numa gigante roda que, tal como na canção *Ciranda do Mundo*, gira na forma de uma ciranda: “*Ciranda por ti / Ciranda por mim / Roda na ciranda que é pro não virar pro sim*”. E pensar com quem contar para essa montagem de mais um número da revista, para que tenha continuidade e se consolide na periodicidade proposta no âmbito do universo acadêmico, em tempos de tantos desafios, não foi (e não é) uma tarefa fácil. A partir do convite feito, da expectativa de quem virá à nossa modesta recepção foi sempre um exercício de gestão das angústias, visto que ainda somos recém-chegados neste mundo das revistas. As contribuições que nos chegaram foram o “sim” das respostas a convites emitidos por nós, à chamada pública através do site da revista. Portanto, os gestos, as insurgências cidadãs, o humor, as rendas, a justiça contra as injustiças assumiram formas de artigos-ensaios e vieram contribuir para que este número 1 do volume 2 da RECHU de 2024 viesse a (r)existir.

O texto da professora doutora Neusa Maria Mendes de Gusmão, **Diálogos Insurgentes: convergência de saberes e luta quilombola**, é um convite e um momento de reflexão e troca com a autora, uma vez que ela se propõe o desafio do diálogo entre a sua experiência de campo e a comunidade quilombola de Campinho da Independência, no sul do Rio de Janeiro e a experiência de dois outros pensadores do mundo rural e negro: Antônio Bispo dos Santos – o Nêgo Bispo e Carlos Rodrigues Brandão. A partir deles e de sua experiência, Neusa busca recuperar o valor da *experiência*, da *observação* e do *compartilhamento* em nossas memórias, práticas e registros junto aos povos negros dos quilombos e junto aos sertanejos negros ou não do centro-oeste brasileiro. A autora nos desafia à busca de uma nova epistemologia do conhecimento e de uma realidade mais justa e equânime.

O artigo, **A cultura do rendar: aprendendo com os saberes e fazeres das rendeiras no município de raposa (MA)**, de autoria da professora Dulcinéia de Fátima Ferreira e dos discentes Claudio Vieira Silva, Jaqueline Santos Diniz e Dolores Costa da Costa, é fruto de uma pesquisa que realizaram junto ao Programa de Educação Tutorial (PET), intitulado Conexões de saberes em comunidades populares da Universidade

³ ROLNIK, Suely. Apresentação. In: GUATARRI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis, RJ, Editora Vozes Ltda, 1986, p.11-14.

Federal do Maranhão (UFMA - *campus* São Luís). Neste texto compartilham parte do vivido e aprendido com a experiência do projeto de pesquisa intitulado “A Cultura do Rendar: Saberes e fazeres das comunidades populares”. A intenção dos autores é compartilhar saberes e fazeres das rendeiras e a cultura do render no município de Raposa – MA, a partir de uma abordagem metodológica da cartografia, pois o que lhes interessa é acompanhar processos. Alguns momentos estão registrados no texto através de fotografias – devidamente autorizadas - das rendeiras que lhes cederam imagens, memórias e atenções. Os autores acreditam que ao mergulharmos nos saberes e fazeres das tradições, fortalecemos nossa relação com as comunidades populares e tradicionais.

A professora doutora, Norma Silvia Trindade de Lima, e a pesquisadora doutora, Mayris de Paula Silva, com o artigo intitulado, **Incluir e descolonizar narrativas: pelo percurso formativo e educacional de mulheres capoeiristas no Estado de São Paulo**, nos trazem o recorte de uma tese de doutorado em educação defendido por Mayris de Paula Silva, no ano de 2023. Neste trabalho registrou-se as memórias de mulheres mestras de capoeira no Estado de São Paulo como modo de contribuir com a visibilidade de seus percursos formativos e educacionais. As pesquisadoras nos trazem as memórias dessas mulheres e problematizam a produção de ausência das narrativas de mulheres na historicidade da capoeira, esta reconhecida como patrimônio cultural imaterial do Brasil e da Humanidade (Iphan, 2008; Unesco, 2014). Como um dos desfechos desse trabalho, nomeiam como princípio formativo vivenciado pela pesquisadora – Mayris de Paula Silva - a “Educação com as mãos no chão”.

Não por acaso, e diante de tantas injustiças cometidas contra as mulheres, neste ano... neste século... há muitos séculos, o texto intitulado, **Pandemia e Justiça Criminal: um estudo sobre o julgamento de *habeas corpus* impetrados por mulheres no Mato Grosso do Sul**, de autoria do professor doutor André Luiz Faisting e da pesquisadora Bianca Dutra da Costa, analisa *habeas corpus* impetrados por mulheres no Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul durante a Pandemia de COVID-19. Os autores observam que, dentre os pedidos, havia pacientes gestantes e mães de crianças menores de 12 anos, e que em muitas das denegações continham algumas das moralidades. As que se destacam dizem que as pacientes não cumpriram com seu papel de mãe e, portanto, não seriam merecedoras da prisão domiciliar. O artigo nos chama atenção acerca de nossas representações sobre os papéis de gênero no intuito de compreendermos como as desigualdades de gênero também se apresentam como estruturantes do sistema de justiça penal.

O artigo da professora doutora, Simone Wollf, e do doutorando, João Fernando de Lima Parra, intitulado, **Financeirização e plataformização dos trabalhos de inovação: o assalariamento por peça nas startups de base tecnológica**, chama-nos atenção para a plataformização dos trabalhos de inovação como um método de gestão que viabiliza às indústrias high-tech o uso do capital financeiro liberalizado para camuflar processos de subordinação de força de trabalho qualificada. Neste estudo demonstram que tal esquema favorece estratégias corporativas que disfarçam relações

trabalhistas como relações comerciais, através de uma forma de assalariamento por peça análoga à da uberização. Assim, embora a plataformização desse tipo de atividade tenha natureza e escopo diferentes das plataformas de uberização, seu uso converge para os mesmos fins: evasão de direitos trabalhistas e a transferência de seus custos e riscos para os próprios trabalhadores.

Para fecharmos com mais inspirações, o ensaio do professor doutor, Sírío Possenti, **Humor não gera fake News**, discute a seguinte questão: por que afirmações humorísticas “falsas” não são consideradas fake news, o que é um fato empírico. Neste texto, Sírío Possenti apresenta e analisa brevemente alguns enunciados que circularam na mídia e que nunca foram assim classificados. Apresenta-nos a hipótese de que o humor não tem compromisso com a verdade.

Assim, este número é o resultado da colaboração de colegas/amig@s do Comitê Editorial que têm se esforçado para divulgar a revista; pessoas solidárias que nos socorrem com sugestões e orientações quando as coisas no fluxo editorial se complicam, como Bianca Poffo (do Instituto Federal de Minas Gerais, Arcos, Minas Gerais) e dos autores aqui reunidos, que nos trouxeram a sua matéria prima. Por tudo isso deixamos os nossos sinceros agradecimentos.

Desejamos uma agradável e proveitosa leitura.

Sorocaba, 10 setembro de 2024.

Kelen Christina Leite
Vanda Aparecida da Silva
Viviane Melo de Mendonça
Editoras